

Dois Fragmentos

Tradução de Monica Stefani¹

Do aprendizado

Se examinarmos com um olho curioso e atento aqueles indivíduos que, pode-se dizer, tenham em qualquer grau se esforçado ao aperfeiçoamento de suas faculdades intelectuais, nos encontraremos facilmente aptos a distinguir aqueles em geral denominados autodidatas de qualquer outra descrição de pessoas mentalmente industriosas.

Por autodidatas, nesta instância, entenderia não apenas aqueles que não passaram pelas formas regulares de uma educação liberal; incluo, além disso, a noção de eles não terem se envolvido em qualquer curso de leitura metódico e perseverante, mas se dedicado em vez disso ao labor de investigar seus próprios pensamentos, e não os pensamentos dos outros.

Essas pessoas são muito dignas do intercurso e da observação cuidadosa dos homens que buscam meios de aumentar sua própria reserva de conhecimento. Há uma impressionante independência mental em relação a eles. Há uma espécie de audácia de pensamento, que mais felizmente se contrapõe àquela estacionariedade e sagração de opinião que por demais se insinuam entre a humanidade. Novos pensamentos, opiniões ousadas, perguntas intrépidas, dessa forma vêm à tona, em que mentes mais disciplinadas talvez não tivessem se aventurado. Há com frequência uma felicidade em suas reflexões que nos lança luz e convicção imediatamente.

Ainda assim, essas pessoas são sempre um tanto deficientes na arte de raciocinar, e às vezes de todo. Não há arranjo suficiente em seus argumentos, ou lucidez em sua ordem. Muitas vezes elas atribuem razões totalmente estranhas

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

à questão; frequentemente omitem no silêncio os passos mais fundamentais para sua demonstração, de forma que ninguém, exceto o auditor mais perspicaz, consegue compreender; e isso não porque elas esqueceram, mas porque elas nunca em qualquer momento ocorreram a suas mentes. Elas distendem palavras e sintagmas de uma maneira tão nova a ponto de completamente caluniar seu significado, e seu discurso deve ser traduzido na língua vernácula, antes de claramente conseguirmos fazer tentativas de apreciar seu mérito. As ideias delas, se me permitem usar a expressão, são tão pindáricas e ametódicas, que nossa grande admiração é quanto à felicidade e sabedoria que se mistura entre elas. No entanto, elas trazem material para o pensamento em lugar de provas da verdade ou falsidade de qualquer proposição; e, se adotarmos alguma de suas asserções, muitas vezes somos obrigados a rejeitar suas demonstrações imaginárias e inventar nossas próprias demonstrações, completamente diferentes.

Por enquanto esse é o lado favorável do quadro. Muitos dos autodidatas se estudam em uma espécie de infinidade. Eles não são somente incoerentes em seus pensamentos, e extremos em sua linguagem: muitas vezes eles adotam as opiniões mais inequivocamente visionárias, e falam uma língua não meramente inteligível aos outros, mas que é também disposta de uma forma tão fantástica e mística que é impossível que ela representasse a sabedoria neles.

Há outro aspecto peculiarmente característico dos autodidatas. Os homens de reflexão de uma descrição diferente com frequência são céticos em suas opiniões. Eles cuidadosamente entram nas próprias almas dos autores que leem, e de maneira tão minuciosa seguem toda a linha de seu raciocínio que se permitem confrontá-la e compará-la com o argumento de um antagonista. Mas isso para um homem autodidata é impossível. Logo, ele não tem dúvidas. Se ele é tolerante, é menos em consequência de sentir a fraqueza do entendimento humano e as variedades inevitáveis da opinião humana do que por uma especulação abstrata, ou uma consciência generosa, pendendo para o lado da tolerância. Será estranho se ele, no que concerne a conversação e o intercuro comum da vida humana, com frequência não for traído pela intolerância. Será estranho se ele não se provar em muitas instâncias impaciente de contradição e rude e mesquinho em suas censuras àqueles a quem se opõe.

É uma característica muito comum a todos os questionadores pensarem somente em seus próprios argumentos e ouvirem, no sentido mais estrito da palavra, somente a eles mesmos. Não é seu propósito verificar se eles mesmos talvez não estejam errados; eles têm apenas a intenção de convencer e mudar a mente da pessoa que difere deles. Isso, que com muita frequência é um defeito em todos os homens, ocorre ainda mais nos autodidatas. A generalidade dos homens de talento e reflexão aprendeu ao ouvir as ideias de outros homens, e ao estudar os escritos de outros homens. A selvageria de sua natureza e a teimosia de suas mentes há muito têm, por muita prática, sido divididas em uma capa-

cidade de atenção cãndida. Se falo com esses homens, não falo em vão. Mas se falo com um homem autodidata, acontece com frequência que esteja falando para o nada. Ele sequer suspeita que eu possivelmente esteja certo, e logo não tem curiosidade de saber como posso defender minha opinião. Um espetáculo verdadeiramente cômico seria ver dois desses homens conversando, cada um se ouvindo, e cada um, apesar de tentar esconder esse fato com uma polidez exterior, surdo às pretensões de seu antagonista.

A partir dessa descrição de um homem autodidata, pode ser falsamente inferido que eu deveria desejar que qualquer pessoa jovem em cujo desenvolvimento eu me interesse ocasionalmente se associe com indivíduos dessa descrição, em vez de alguém de seu próprio grupo.

Deve, porém, ser ressaltado que, independentemente da posição que o homem autodidata possa manter entre as pessoas que se submeteram ao aperfeiçoamento de suas faculdades intelectuais, ele sempre, se judicioso e capaz, será considerado com respeito peculiar por aqueles de discernimento, uma vez que há muito mais voluntariedade em suas aquisições do que pode ter sido atribuído àqueles que desfrutaram das vantagens da incitação institucional e científica.

Há um ditado muito em voga no mundo que, se pudesse ser tomado como justo e bem fundamentado, provaria que o autodidata, educado, em vez de labutar sob as importantes desvantagens aqui enumeradas, seria o mais sortudo dos homens, e aquele sobre o qual deveriam ser fixadas as esperanças de sua espécie, quer por instrução ou prazer.

Que vitupério eloquente tem sido gasto para continuar a ridicularizar a geração de ratos de biblioteca! Contam-nos que um hábito perseverante de ler mata a imaginação e estreita o entendimento; que ele sobrecarrega o intelecto com as noções de outros e assim impede sua digestão; e, por uma razão ainda mais forte, que impede que desenvolva suas habilidades inatas; que o homem que fosse original e impressionante deveria meditar em vez de ouvir, caminhar em vez de ler. Aquele que se dedica a um processo metódico em seus estudos talvez receba algum elogio à sua indústria e boa intenção; mas ao mesmo tempo lhe é insinuado que o único resultado possível de tal indústria mal colocada é uma colheita repleta de obtusidade laboriosa.

Não é surpresa que esse tipo de ditado tenha sido geralmente popular. Ele favorece uma das paixões mais fundamentais da mente humana, nossa indolência. Para nós, tomar conhecimento profundo do que os outros homens pensaram em diferentes eras do mundo é uma tarefa árdua; a subida da colina do conhecimento é íngreme, e sua conquista demanda a resolução mais inalterável. Mas esse dito nos apresenta um desencorajamento e secciona todos os nervos da alma. Aquele que está infectado com isso não mais “prepara as entranhas de sua mente”; mas entrega seus dias à indulgência desestimulante. Seu efeito é como aquele de um certo credo religioso que, revelando a conexão entre os

motivos e a ação, e entre uma ação e outra, instrui seus adeptos a esperar, com resignação piedosa, pelo influxo de força sobrenatural que deve suplantar o benefício de nossa vigilância e empenho.

No entanto, nada pode ser mais infundado do que essa hostilidade imputada ao aprendizado e ao gênio. Se fosse verdade, seria entre os selvagens somente que deveríamos procurar a expansão genuína da mente humana. Eles são, dentre todos os de sua espécie, os mais intocados pelo aprendizado, e os menos quebrados pelo hábito regular da atenção. Na sociedade civilizada, e especialmente entre aquela classe da sociedade civilizada que presta atenção às perseguições intelectuais, aqueles que têm a maior antipatia aos livros são ainda assim modificados em milhares de maneiras pelo estado real da literatura.

Do arcorar da mente

O verdadeiro objeto da educação, como o de qualquer outro processo moral, é a geração de felicidade.

Felicidade para o indivíduo em primeiro lugar. Se os indivíduos fossem universalmente felizes, a espécie seria feliz.

O homem é um ser social. Na sociedade os interesses dos indivíduos estão entrelaçados entre si, e não podem ser separados. Os homens deveriam ser ensinados a se ajudar. O primeiro objeto deveria ser treinar um homem a ser feliz; o segundo treiná-lo a ser útil, isto é, a ser virtuoso.

Há outra razão para isso. A virtude é essencial à felicidade individual. Não há transporte igual àquele do desempenho da virtude. Toda a outra felicidade, que não está relacionada à autoaprovação e à compaixão, é insatisfatória e frígida.

Para tornar um homem virtuoso devemos torná-lo sábio. Toda virtude é um meio-termo entre motivos e induzimentos. O homem de virtude genuína é um homem de abrangência vigorosa e de visões duradouras. Aquele que deveria ser iminentemente útil deve ser eminentemente instruído. Ele deve estar dotado de um juízo fugaz e um zelo ardente.

O argumento em favor da sabedoria ou de um intelecto cultivado, como o argumento em favor da virtude, quando considerado de perto, se mostra duplo. A sabedoria não é apenas diretamente um meio para a virtude; é também diretamente um meio para a felicidade. O homem de entendimento esclarecido e de ardor perseverante tem muitas fontes de enlevo que o homem ignorante não consegue alcançar; e pelo menos pode-se suspeitar que essas fontes são mais belas, mais sólidas, mais duráveis e mais constantemente acessíveis do que quaisquer que o homem sábio e o homem ignorante possuam em comum.

Assim parece que há três objetos principais de uma educação justa, a felicidade, a virtude, a sabedoria, incluindo no termo sabedoria a extensão da informação, bem como a energia da busca.

Quando nasce uma criança, um dos primeiros propósitos de sua instituição deveria ser acordar sua mente, inspirar uma alma na massa até então informe.

Qual seria o grau preciso de diferença com respeito à capacidade que as crianças em geral trazem consigo ao mundo é um problema que talvez seja completamente impossível de resolver.

No entanto, se a educação não pode fazer todas as coisas, ela pode fazer muito. Para a realização de qualquer feito o que é principalmente necessário é que o feito seja ardentemente desejado. Quantas instâncias é razoável supor existirem nas quais há esse desejo ardente, e os meios de realização são clara e habilmente apontados, onde ainda assim o feito permanece no final não realizado? Dê motivo suficiente, e você deu tudo. Mesmo se o objeto for atirar em um alvo, ou dominar uma ciência, essa observação será igualmente aplicável.

Os meios para instigar o desejo são óbvios. O objeto proposto possui qualidades desejáveis? Exiba-as. Delineie-as com perspicuidade, e delineie-as com ardor. Mostre seu objeto de tempos em tempos sob cada ponto de vista calculado para demonstrar sua amabilidade. Critique, elogie, exemplifique. Nada é mais comum do que um mestre falhar em infundir em seu pupilo as paixões que ele se propõe a infundir; mas quem se recusaria a confessar que a falha deve ser atribuída à indolência ou à inabilidade do mestre, à impossibilidade de sucesso?

Quanto mais inexperiente e imatura a mente da criança, maior é sua flexibilidade. Não se pode dizer quão precocemente hábitos, perniciosos ou de outra forma, são adquiridos. As crianças trazem consigo ao mundo algumas qualidades, favoráveis ou adversas, para refinamento. Mas elas rapidamente adquirem outras qualidades além dessas, e que são provavelmente de mais importância do que elas. Assim um estado doente de um corpo, e ainda mais um tratamento impróprio que faça da criança, em qualquer grau considerável, ou tirana ou escrava daqueles ao seu redor, pode, nos primeiros 12 meses, implantar um alento de mau temperamento, que em alguns casos pode acompanhá-la ao longo da vida.

Raciocinando a partir dos princípios já expostos, seria um erro grosseiro supor que o único objeto a ser tratado na primeira parte da educação seja proporcionar no momento conforto e felicidade ao indivíduo. Uma mente desperta é um dos propósitos mais importantes da educação, e é um propósito que, quanto mais cedo entrar nas visões do preceptor, melhor.

Parece provável que uma instrução precoce seja uma coisa, por si só, de valor muito inferior. Muitas dessas coisas que aprendemos na juventude, seria necessário, para bem entendê-las, que as aprendêssemos novamente em nossos anos mais maduros. Muitas coisas que, no período sombrio e inapreensível da juventude, são obtidas com infinito labor, podem, por um entendimento maduro e judicioso, ser adquiridas com esforço inexpressivelmente inferior. Aquele que afirmasse que o verdadeiro objeto da educação juvenil não fosse ensinar nada em particular, mas formar, até a idade de 25 anos, uma mente bem regulada, ativa e preparada para aprender, certamente não importaria em nós o mais absurdo dos paradoxos.

Logo, o propósito de uma instrução precoce não é absoluto. É menos importante, geralmente falando, que uma criança adquirisse essa ou aquela espécie de conhecimento por meio de instrução, do que ela adquirisse hábitos de atividade intelectual. Não é tanto pela consideração direta do que ela aprende, que sua mente não deve sofrer por ficar ociosa. O preceptor, nesse sentido, é como o cerceador de uma terra não cultivada; suas primeiras colheitas não são valoradas pela sua excelência intrínseca; elas são semeadas de modo que a terra possa ser trazida à ordem. As engrenagens da mente, como as juntas do corpo, estão propensas a atrofiar quando inativas. Elas devem ser exercitadas em várias direções e com uma perseverança inabalável. Em uma palavra, a primeira lição de uma educação judiciosa é Aprender a pensar, a discriminar, a lembrar e a indagar.

William Godwin, *The Enquirer. Reflections On Education, Manners, And Literature. In A Series Of Essays.* London: G.G. and J. Robinson, 1797. O inquiridor. Parte I. Ensaio I.

Originais disponíveis no formato HTML no endereço: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/godwin/enquirer.html>.

Acesso em 17/06/2015.

